

AS CERIMÔNIAS BUDDHISTAS ANTIGAS

pelo Venerável Sayadaw Bhaddanta Silanandabhivamsa

Tradução: Emerson Zamprogno
© Edições Nalanda, 2005

Endereço da página onde se encontra este texto:

<http://www.nalanda.org.br/sala/silananda.php>

AS CERIMÔNIAS BUDDHISTAS ANTIGAS

Sayadaw Bhaddanta Silanandabhivamsa, D.Litt

O Budhismo é singular entre as religiões, pois desconhece cerimônias comparáveis àquelas das outras religiões. Cerimônias e rituais, elaborados e cansativos na execução, não têm espaço no Budhismo. Não encontramos nenhum exemplo no Cânone Pali onde o Buddha determina regras e métodos para a execução de cerimônias para os leigos. É deixada para o indivíduo a decisão de executá-las ou não. Ele tem apenas uma coisa a levar em consideração, que sua execução das cerimônias não se oponha aos ensinamentos do Buddha.

Na ausência, portanto, de quaisquer regras governando a execução das cerimônias no Budhismo, resta ao homem senão seguir os costumes do lugar onde vive, desde que estes costumes não contrariem os princípios do Budhismo.

Se os costumes ou a execução das cerimônias não estão de acordo com a religião budhista, ou se a compulsão religiosa não os aprova, então o método de execução, ao invés da cerimônia em si, deve ser adaptado para adequar-se aos ensinamentos religiosos, ou uma maneira inteiramente nova de executar a cerimônia deve ser buscada.

Um homem desejará fazer alguma cerimônia quando um filho lhe é dado; ou na ocasião em que entrega seu filho ou filha no casamento; ou na hora da morte de outras pessoas. O que se segue são as maneiras de executar cerimônias em relação às ocasiões mencionadas acima, e preparadas de forma a serem aceitáveis a todos os budhistas.

Cerimônia de recebimento do nome

Alguns dias após um filho ser dado a um homem, ocorre a ele dar à criança um nome,— um nome que seja auspicioso e agradável aos ouvidos. Para fazer isso ele deve convidar alguns bhikkhus e leigos à sua casa e oferecer comida e outros requisitos aos bhikkhus. Quando o oferecimento da comida

tiver terminado, ele deve colocar a criança à frente dos bhikkhus, tomar os Cinco Preceitos – panca sila – com eles e pedir que recitem suttas budistas chamados de Parittas e dêem um nome à criança. Os bhikkhus irão então recitar tais suttas chamados de Parittas, tais como o Mangala Sutta, o Ratana Sutta, o Metta Sutta, todos os que podem ser encontrados no Khuddaka-patha do Khuddaka Nikaya, e outros suttas que eles considerem adequados recitar na ocasião.

O líder dos bhikkhus dará um nome à criança, ou se o pai desejar que o nome seja dado por uma outra pessoa, ele pode pedir a alguém que lhe agrade que dê o nome. Ele é livre para escolher um homem que dará o nome ou, se desejar, pode ele mesmo escolher um nome para o filho. Depois que a recitação dos suttas e o oferecimento tiverem terminados, os bhikkhus deixarão a casa, após o que ele pode dar uma festa às pessoas que ele convidou para participar da cerimônia.

O significado desta cerimônia é ajudar a criança a crescer com boa saúde e viver uma vida longa e próspera. O efeito de recitar os suttas é espantar os espíritos maus que poderiam prejudicar ou até matar a criança. Houve um exemplo, no tempo do Buddha, de uma certa criança que estava destinada a morrer depois de sete dias devido à permissão que um demônio havia recebido de seus superiores para comer a criança. Os pais souberam disto através do asceta da família e, por conselho seu, foram ao Buddha pedir-lhe que salvasse a criança. O Buddha, então, disse-lhes que construíssem uma plataforma na frente de sua casa e convidassem oito ou dezesseis bhikkhus para recitar os suttas por sete dias sem parar. Eles fizeram exatamente conforme aconselhado pelo Buddha para salvar a criança. No sétimo dia, o próprio Buddha veio à plataforma, aonde uma grande reunião de poderosos deuses que vieram ouvir o Dhamma havia se formado. O demônio não teve chance de arrebatá-la, pois não ousou se aproximar da assembléia de deuses. A criança por esta razão foi salva e viveu uma vida muito longa – cento e vinte anos! ¹

¹ Comentário ao Dhammapada, Vagga 8

Casamento

Para os budistas, o casamento é totalmente secular e não tem nada a ver com a religião. Nenhum bhikkhu nos países theravada oficiam cerimônias matrimoniais. Tampouco cerimônias matrimoniais são celebradas em Viharas, Templos ou Pagodes budistas. Elas podem ser executadas em qualquer lugar conveniente diferente dos lugares mencionados acima.

As formas de cerimônia podem variar conforme o lugar onde vive o indivíduo em questão. Como o casamento é secular por natureza, o indivíduo é livre para seguir os costumes do lugar ou país na medida em que os princípios do Budismo não sejam feridos. Não é, portanto, permitido que o casamento seja realizado, por exemplo, numa igreja cristã, ou oficiado por um cristão. O melhor lugar para se realizar uma cerimônia matrimonial é na própria casa ou, se casa não é grande o bastante para reunir as pessoas, um salão público ou algum outro lugar apropriado. O casamento pode ser conduzido pelos pais de ambos os lados, ou por um homem mais velho respeitado por ambas as famílias, ou por qualquer outra pessoa que os dois lados escolham. Haverá, sem dúvida, cumprimentos e festas, que podem ser feitas livremente.

Mas se o indivíduo desejar dar um sabor religioso ao casamento, o melhor a ser feito é convidar alguns bhikkhus, um dia ou dois após a cerimônia, oferecer-lhes alimento e outras necessidades e pedir-lhes que dêem conselhos ou admoestações ao par recém-casado. Os bhikkhus irão recitar alguns parittas e um deles dará conselhos ao marido e à mulher. O próprio Buddha dava conselhos às moças que estavam para casar.

O Buddha, certa vez, foi convidado a aceitar comida na casa de um seguidor laico chamado Uggaha. Quando o Buddha terminou de comer, Uggaha pediu ao Buddha que fizesse um sermão dando-lhes conselhos. O Buddha, então, pregou a eles falando do comportamento em relação a seus esposos.²

No famoso Singala Sutta³ do Digha Nikaya, o Buddha delineou os deveres de marido e mulher com relação um ao outro. Estes deveres devem ser ditos aos novos cônjuges de forma que possam levar uma feliz vida de casados.

² Anguttara Nikaya, Vol. II., pp. 30-31, Ed. 6.o Sín.

³ Por favor, cf. o Suttanta Pitaka, Digha Nikaya, Pathika-vagga, Singala Sutta, página 146.

Os deveres da mulher são:

1. Fazer o trabalho doméstico (ou providenciar que seja feito) bem em tempo;
2. Agradar aos parentes tanto de seu marido quanto de si mesma, tratando-os com afeto e mandando presentes, mensagens, etc. para eles;
3. Abster-se de ter até mesmo um pensamento de má conduta com outro homem;
4. Tomar bom cuidado do que quer que seja ganho pelo trabalho do marido;
5. E ser habilidosa e zelar por qualquer coisa que ela possa ter para fazer.

Os deveres do marido são:

1. Tratar a mulher com devido afeto;
2. Evitar o complexo de superioridade;
3. Abster-se de má conduta com outras mulheres;
4. Autorizar a mulher a fazer o que agrada a ela (na cozinha e em outros assuntos domésticos);
5. E permitir que a mulher tenha roupas e ornamentos de acordo com sua colocação e posição na vida ⁴.

Estes deveres foram traçados há mais de 2500 anos, e ainda são aplicáveis nestes tempos modernos. Estes são os deveres que, se apropriadamente cumpridos, farão o casal feliz e próspero. Há ainda um outro conjunto de conselhos dado pelo pai de Visakha à sua filha - que mais tarde tornou-se a mais eminente devota do Buddha -, antes de entregá-la em casamento a seu marido ⁵.

⁴ Por favor, cf. Suttanta Pitaka, Digha Nikaya, Pathika-vagga, Singala Sutta, page 146, Edição do 6.o Concílio; e Pathika-vagga Atthakatha, Singala Sutta Vannana, página 124, Edição do 6.o Concílio.

⁵ Comentário ao Dhammapada, 4, Estória 8.

Cerimônia fúnebre

Para compreender o significado da cerimônia fúnebre realizada pelos budistas, é necessário entender a filosofia subjacente a ela. Cerimônias fúnebres realizadas sem o conhecimento desta filosofia não serão benéficas nem para o falecido e nem para a pessoa que a realiza. Esta filosofia, que é tão essencial nesta cerimônia, é conforme se segue.

De acordo com o Budismo, uma pessoa, após sua morte, comumente está passível de renascer em um dos 31 planos da existência. Seu renascimento é condicionado pelos atos bons ou maus que ele fez na vida presente ou, em alguns casos, por atos realizados em vidas passadas. Se ele é virtuoso, ou se fez boas ações durante esta vida, pode renascer no mundo de deuses onde irá desfrutar de prazeres divinos; ou se foi incorreto nesta vida, pode renascer em um dos quatro estados dolorosos conhecidos em pali como *Apaya*, que consistem de Inferno, Mundo Animal, Mundo dos Petas e Mundo dos Asuras. Sofrerá vários tormentos e punições, fome e sede, etc., nestes estados.

Novamente, de acordo com a Lei Budista do *Kamma*, até para uma pessoa que fez boas ações não é definitivamente certo onde ela irá renascer, se em planos elevados ou em estados dolorosos. Através do *Kamma* que ela cometeu em vidas passadas e que têm a oportunidade de dar resultados, ela pode renascer num estado doloroso. Assim é a Lei Budista do *Kamma*. Não podemos, contudo, ter certeza sobre em que lugar uma pessoa que faleceu irá renascer.

Se ela renasceu no mundo dos deuses ou *Devas*, nada podemos fazer para ajudá-la nesta nova existência. Tampouco poderíamos fazer algo no caso dela ter renascido no Inferno, no Mundo Animal ou no mundo dos *Asuras*. Mas se ela renasceu no mundo dos '*Petas*', podemos ajudá-la. Um *peta* não consegue o suficiente para comer, o suficiente para beber e nem roupa o suficiente para cobrir seu corpo. Está sempre com fome, com sede e carente de todas as necessidades da vida. É para ajudar esses seres que realizamos cerimônias durante ou após o funeral. Mas como nunca podemos saber onde o finado renasceu, realizamos cerimônias fúnebres sempre que uma morte acontece, de tal modo que se o finado renasceu no Mundo dos *Petas*, ele possa se beneficiar de nossa cerimônia aqui, e mesmo se ele veio a renascer em outro lugar, podemos adquirir méritos para nós mesmos.

A cerimônia pode ser realizada deste modo:

Deve-se convidar bhikkhus à casa onde a pessoa morreu ou ao cemitério. O defunto deve ser colocado ante os bhikkhus. Os parentes devem então se reunir e tomar 'Panca Sila' com os bhikkhus. Então devem dar aos bhikkhus alguma coisa do falecido – uma peça de roupa é o usual—, e em seguida devem convidar o falecido a tomar parte do mérito pela ação meritória se rejubilando nela. Se o falecido puder vir e se rejubilar nela, i.e. proclamar 'Sadhu! Sadhu!', ele estará livre naquele mesmo momento do estado doloroso em que caiu e irá desfrutar de roupas, ornamentos, moradas etc. divinos, e será grato a seus parentes.

Novamente, sete dias após a morte, deve-se oferecer alimento aos bhikkhus. O mesmo procedimento deve ser repetido então, e o falecido deve ser convidado para tomar parte do mérito se rejubilando na ação meritória.

Como resultado desta oferta de alimento, ele poderá desfrutar de alimento divino lá. Então, para resumir, a cerimônia ligada à morte de uma pessoa deve ser realizada duas vezes; uma ao enterro ou cremação, e novamente sete dias após a morte. Ambas devem ser feitas com a intenção de ajudar o falecido, se por qualquer kamma ruim ele houver renascido no Mundo dos Petas.

Pattidana e Pattanumodana

Convidar os outros para tomar parte dos méritos se rejubilando nas próprias ações meritórias é, em si, um ato meritório chamado Pattidana (doar o mérito adquirido); e rejubilar-se nas ações meritórias realizadas pelos outros é também um ato meritório chamado Pattanumodana (rejubilar-se no mérito adquirido pelos outros).

Além disso, o mérito de uma pessoa não diminui se for dividido com os outros da mesma forma que o lume de uma vela não diminui mesmo que outras velas sejam acesas com ela. Este é o motivo pelo qual todos os budistas, quando fazem ações meritórias, convidam todos os outros seres a tomar parte do mérito rejubilando-se na ação meritória.

Diferença entre oferendas comuns e oferendas feitas para o benefício dos finados

Contudo, oferendas comuns são feitas primariamente para o benefício dos próprios doadores enquanto que o benefício dos outros que se rejubilam nas oferendas e, assim, têm uma parcela dos méritos, é só uma questão de consideração secundária; por outro lado, as oferendas feitas durante ou ligadas a funerais são primariamente para o benefício dos falecidos, e o benefício dos doadores em si é uma questão de consideração secundária.

Além disso, no caso das oferendas comuns não é essencial que os doadores e os que partilham de seus méritos obtenham benefício imediato, ao passo que no caso das oferendas feitas para os mortos é absolutamente essencial que eles, ao se rejubilar nas oferendas, obtenham benefício imediato, por exemplo, na forma de roupas, ornamentos, moradas divinas, etc. Os falecidos não podem esperar por benefícios futuros como os doadores e os que compartilham dos méritos, e podem obter benefício imediato somente se os cedentes são virtuosos.

As três condições essenciais para a eficácia das oferendas feitas para o benefício dos mortos.

Então três condições essenciais devem ser preenchidas para que o falecido possa obter pleno benefício da oferenda feita pelo seu parente.

Estas três condições são:

Que o doador faça a oferenda expressamente para o benefício do falecido, dizendo: "Que o mérito desta oferenda chegue ao parente tal e tal".

Que o cedente seja uma pessoa virtuosa; e

Que o próprio falecido se rejubile e expresse reconhecimento pela oferenda.⁶

A primeira condição não impede que o doador convide outros parentes mortos e todos os seres para se rejubilarem na oferenda; e, portanto, adquira méritos.

⁶ Petavatthu Atthakatha. Edição do 6.o Concílio, p. 25.

Com relação à segunda condição, existiu o exemplo de um peto que não se beneficiou de três oferendas feitas sucessivamente pelo único e mesmo cedente não-virtuoso, gritando: "A pessoa não-virtuosa me roubou!" (i.e. dos méritos que deveriam ter surgido para mim imediatamente se as oferendas tivessem sido feitas por uma pessoa virtuosa) ⁷.

Contudo, a segunda condição é essencial apenas para o propósito especial de permitir que o falecido se beneficie imediatamente ao se rejubilar na oferenda.

Oferendas sem este objetivo em especial podem ser feitas para qualquer ser, bom ou mau. Até mesmo oferecer um pouco de comida a um cão é um ato de mérito; o cedente, portanto, ganhará mérito; e quem se alegra irá ganhar mérito pelo rejúbilo também, apesar de o benefício, neste caso, não ser imediato e a quantidade de méritos pelas oferendas aumentar com a virtude, não apenas de quem recebe, mas também de quem dá.

A realização de cerimônia fúnebre, em outras palavras, dar dana e compartilhar mérito com os espíritos é o dever de todo parente (*nati dhamma*), seja ele próximo ou distante, já que a pessoa que passou deste mundo e renasceu no Estado Doloroso dos Petas sempre espera pela oportunidade de proclamar 'Sadhu', i.e., de se rejubilar no dana (doação) feito em seu benefício por seus parentes.

Para filhos e filhas, é imperativo que eles realizem a cerimônia fúnebre na morte de seu pai ou de sua mãe. A expectativa de que eles realizem esta cerimônia é uma das razões pelas quais os pais desejam ter filhos. Diz o Buddha no Anguttara Nikaya ⁸: "*Observando cinco coisas, bhikkhus, os pais desejam que nasça um filho na família. Quais cinco? Ele irá nos apoiar e dar assistência quando formos idosos, tendo sido criado por nós; ele fará por nós o que deve ser feito; nossa tradição irá perdurar longamente (por conta dele); ele irá desfrutar da herança; ele fará oferendas por nós e irá compartilhar o mérito conosco quando estivermos mortos*". É também um dos cinco deveres dos filhos ou filhas para com os seus pais fazer ações meritórias e compartilhar méritos com os pais que faleceram.

⁷ Majjhima Nikaya, Uparipannasa Atthakattha, 4. Vibhanga Vagga, 12. Dakkhina-vibhanga Suttavannana, p. 219, Edição do 6.o Concílio.

⁸ Anguttara Nikaya, Pancaka Nipata, Pathama Pannasaka, 4. Sumana-vagga, 9. Putta Sutta, p. 37, Ed. 6.o Concílio.

Concluindo, deve ser notado que apenas as cerimônias que estejam de acordo com o Budhismo são permitidas. O mais importante para um budhista, quando realiza cerimônias, é ter o cuidado de não buscar refúgio em outras religiões ou deidades, descartando a Jóia Tríplice; i.e., o Budha, o Dhamma e o Sangha. Se o refúgio nas Três Jóias for descartado, ele não será mais um budhista.